



## OS CABOCLOS, O POVO E VOZ DA LIBERDADE

Desfile cívico do 2 de Julho faz os baianos celebrarem a fé e a História com H maiúsculo

**Maysa Polcri  
e Roberto Midle**

REPORTAGEM  
redacao@correio24horas.com.br

Levar os mais novos para ver a História, com inicial maiúscula, acontecendo ao vivo e a cores, foi o que motivou centenas de famílias a acordarem cedo neste domingo (2). Enquanto as expressões das crianças estampavam encanto e curiosidade pelo 2 de Julho, pais, avós e bisavós aproveitavam a passagem dos caboclos para contar aos descendentes que o povo baiano lutou para tornar o Brasil independente, há exatos 200 anos. Do chão ou da sacada de casa, a catarse coletiva com enche as ruas da cidade no trajeto entre a Lapinha e o Campo Grande é fruto da tradição

passada por gerações.

O relógio ainda não tinha marcado 7 horas da manhã quando o Caboclo e a Cabocla começaram a ganhar as primeiras homenagens dos baianos que aguardavam o início do cortejo, marcado para às 9 horas. Enquanto alguns se espremiavam para fazer registros bem de perto, outros se mantinham na calçada, mas com olhares atentos a toda movimentação. Entre os menos afeitos a agonia, estava Ednalva Carneiro, 55 anos, e os três netos, de 9, 5 e 2. Os dois mais novos estreavam a participação no cortejo.

No que depender da avó, saudar os heróis da independência fará parte do DNA da família por muito tempo. Ela própria foi pela primeira vez ao desfile acompanhada de parentes, quando ainda era criança, fez questão de repetir a tradi-

ção com os filhos e, agora, com os netos. Quando algum dos pequenos perguntava quem eram aqueles nas carruagens, levando as bandeiras da Bahia e do Brasil, Ednalva tinha a resposta na ponta da língua.

"Eu faço questão de trazer aqui para eles conhecerem a nossa História. O 2 de Julho é uma aula ao vivo, tento explicar quem são os caboclos e que eles lutaram pela liberdade que temos hoje", afirma.

Mais à frente no percurso, no Barbalho, Elenita, 70, aproveitava a localização privilegiada da casa onde mora para reunir os familiares e assistir ao desfile de camarote. Na varanda, sete crianças, entre netos e bisnetos da matriarca, observavam a passagem dos caboclos de pertinho. "Quando a gente sabe da História, o desfile ganha outra importância, é o que a gente tenta ensi-

**1 Herança** indígena de luta representada na indumentária que remete aos caboclos  
**2 Marias Quitérias** também marcaram presença no ato cívico  
**3 Alegria** nas ruas e o que mais de vê no cortejo do 2 de Julho, festa xodo dos baianos  
**4 Verônica Almeida**, atleta paralímpica baiana, com o fogo simbólico

nar para eles desde cedo".

Milhares de pessoas fizeram ontem o percurso que rememora a entrada do Exército Libertador, após a expulsão definitiva dos portugueses, em julho de 1823. Quando o cerco feito à capital baiana foi suficiente para levar os invasores à exaustão, as tropas baianas entraram em Salvador como vencedoras da guerra. No ano seguinte, o cortejo começou a ser realizado, mas em percurso diferente: do Terreiro de Jesus até a Casa da Moeda.

Nos quatro primeiros anos após a independência, o povo não tinha abraçado o desfile. Isso só mudou em 1828, quando o carro do Caboclo saiu pela primeira vez, representando os populares que garantiram a expulsão definitiva dos portugueses. Sem a presença do povo simples, que lutou com armas improvisadas, os contornos da independência brasileira seriam outros.

Saber da importância dos guerreiros é o que mobiliza a cantora lírica Célia Zain, 53, que há nove anos se veste de Maria Quitéria, sua conterrânea de Feira de Santana. Representar a figura histórica uma vez no ano tem um significado ainda mais especial para Célia: é a lembrança de que a busca pela liberdade continua viva. "Nós temos que valorizar a liberdade. É por isso que eu me visto de Maria Quitéria,



**Parei para aprender no YouTube. Acho importante conhecermos esses símbolos nacionais e regionais**

leda Tourinho, sobre aprender o Hino ao 2 de Julho na web



**Momento de lembrarmos de tudo o que foi vivido, de toda a luta, para chegarmos onde estamos hoje**

Verônica Almeida, atleta paralímpica que acendeu a pira

MARINA SILVA



2

MARINA SILVA



3

MARINA SILVA



4

ANA ALBUQUERQUE

para que a gente possa celebrar a nossa independência”.

**VIVA OS CABOCLOS**

Os sons das cantigas guaranis dão o sinal de que é preciso abrir caminho para os caboclos passarem. O grupo, formado por cerca de 40 integrantes, mantém viva a tradição dos nativos da Ilha de Itaparica, que foram essenciais para a vitória baiana sobre os portugueses. Com cocar e indumentária características, o grupo seguiu à frente do cortejo abrindo passagem para quem vinha atrás.

Quando as duas carruagens que conduzem as imagens do Caboclo e da Cabocla avançam nas ruas, o que reina é a democracia das emoções. Cada baiano e baiana reage conforme o coração manda e o resultado é uma mistura de sentimentos que arrepiam a todos. Há quem chore, reze, grite saudações e até aproveite a festa para fazer um Carnaval fora de época. O importante é que as ruas comportam todos.

Até a dificuldade física é deixada de lado por alguns momentos, em nome da continuidade da tradição. Oceane Silva, 50, venceu a luta contra o câncer quatro vezes e acompanhou o cortejo até o Pelourinho, bem ao lado da Cabocla, com o auxílio de duas muletas. Para ela e o marido, José Silva, 62, o 2 de Julho é

um momento de devoção. “Os caboclos têm uma ligação muito forte com a nossa religiosidade e o candomblé. Vamos aqui pedir paz, saúde e proteção”, afirmou.

Às 16h15, o hino nacional foi executado no Campo Grande, nas proximidades do Monumento ao 2 de Julho. Boa parte do público fez questão de cantar junto, enquanto o apresentador da cerimônia gritava “Viva o Dois de Julho!”. Pouco depois, quatro aviões da Esquadilha da Fumaça faziam manobras e o público vibrava.

Um homem que, seguramente, passava dos 60 anos, gritava e sorria como uma criança e aplaudia o show das aeronaves. E, todos ali reunidos para celebrar o Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia faziam o mesmo a cada vez que os aviões sobrevoavam o Caboclo.

Depois, chegou a hora de acender a pira do Fogo Simbólico do 2 de Julho. A encarregada foi Verônica Almeida, atleta paralímpica baiana de 48 anos, que integrou a seleção brasileira e ganhou a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos de Pequim, em 2008. Verônica também é recordista da travessia Mar Grande – Salvador, o que rendeu um recorde registrado no Guinness Book, ao realizar o percurso em 4 horas e 56 minutos, no nado estilo borboleta. Antes da cerimônia, ela

ressaltou a importância da festa: “Meu desejo é que todos os baianos aproveitem a data, que não é apenas feriado local, mas momento de lembrarmos de tudo o que foi vivido, de toda a luta, para chegarmos onde estamos hoje”.

Além de apresentar o Hino Nacional, a banda da PM executou, claro, o Hino ao 2 de Julho. Uma moça chamava a atenção por acompanhar praticamente todos os versos, com entusiasmo, em alto e bom som. A jornalista Ieda Tourinho, 39, é baiana e passou boa parte da vida em Aracaju. Mesmo estando lá, sempre se interessou pela história da Bahia e buscou preservar sua identidade baiana. Foi daí que decidiu aprender o hino. “Parei para aprender no YouTube e por causa da minha origem baiana. Acho importante conhecermos esses símbolos nacionais e regionais, ainda que algumas pessoas se aproveitem deles politicamente”.

A historiadora paulista Fernanda Gallo, 43, casada com um baiano, também foi celebrar a data. “Nasci no Paraná e moro em São Paulo hoje, mas já vivi em Salvador. É a terceira vez que venho para a festa do 2 de Julho”, disse.



**Era pra eu ter sido baliza quando jovem, mas fui substituída. Hoje, vejo meu neto realizar meu sonho**

Gildete Domingos, que foi assistir ao neto desfilar



**Eu faço questão de trazer aqui para eles conhecerem a nossa História. O 2 de Julho é uma aula ao vivo**

Ednalva Carneiro, que levou os três netos ao cortejo

**FANFARRAS ATRAEM FAMÍLIAS CORUJAS COM DESFILE ESCOLAR**

Certamente, não havia outra avó mais coruja que Gildete Domingos, neste domingo, no desfile das fanfarras durante a celebração dos 200 anos da Independência do Brasil na Bahia. O motivo do orgulho era o neto Andrey Caique Fonseca, 13 anos, que participava do desfile pelo Colégio Maria Quitéria Cívico Militar.

“Era pra eu ter sido baliza quando jovem, mas houve uns problemas e não me deixaram, então acabei sendo substituída. Hoje, vejo meu neto realizar meu sonho”, contou Gildete, funcionária pública aposentada. A mãe de Andrey, a auxiliar administrativa Ana Paula Domingos, diz que o filho é sobrinho de um PM e isso pode tê-lo influenciado a participar do desfile pela segunda vez.

Lucilene é mãe de Kauan Oliveira Cruz, 12 anos, e também participante de um desfile pela terceira vez. “Nós queríamos muito que ele estudasse na Maria Quitéria porque ele era muito teimoso e a escola se preocupar muito com a disciplina”, defendeu a mãe.

Outro aluno da Maria Quitéria, Martim Pacheco, de apenas 6 anos, descansava no colo do pai. O menino tinha razão em estar cansado: havia chegado ao Campo Grande às 9h para se preparar. Na pista, o irmão dele, de 9 anos, resistia debaixo do sol. A mãe deles, a nutricionista Marisa Pacheco, diz, orgulhosa, que Martim é aluno laureado da escola e mostra ao repórter o distintivo de “caboclo” que o menino ostenta. “Por boa nota e bom comportamento. E é a segunda vez que ele ganha”.

Andreia Santos acompanhava a filha Julia Áquila de perto, paralelamente ao desfile e, na hora de uma brecha, conseguia se aproximar para dar a ela um pouco de água. No colo, Andreia carregava o irmão da menina, de 1 ano e meio. “É a primeira vez que ela desfila e acho muito bom, porque é um incentivo às crianças. E também vai participar do 7 de setembro”, comentou.